

Ruy Guerra acha bom "Kuarup" ser rotulado de ecológico

CAIO TÚLIO COSTA
Enviado especial a Cannes

O cineasta Ruy Guerra está em Cannes desde sexta-feira. Seu longa-metragem de 5 milhões de dólares, "Kuarup", entra em competição amanhã. Será o último a ser apresentado na 42ª edição do Festival Internacional do Filme. Ele se diz preparado para ganhar e perder. Guerra faz parte de uma geração "terceiro-mundista" do cinema brasileiro muito respeitada entre as esquerdas. É um homem que tem trânsito na Cuba de Fidel Castro. O seu "Kuarup", em síntese, é a história de um padre jesuíta que tenta construir sua "utopia" junto aos índios, na selva, e no final parte para a luta armada. Um pedaço da história do Brasil nos anos 60. Guerra define seu "Kuarup" como um filme político, uma "história de amor e aventura" e não considera ruim o "rotulo" de filme ecológico.

Ele está magoado com a crítica brasileira porque recebeu muito mal "Kuarup". Não pede condescendência mas acha que os críticos deveriam "respeitar" mais o cinema nacional. Você vai ver nesta entrevista também que Ruy Guerra sai de casa para ver poucos cineastas novos. Prefere os monstros sagrados como Francis Ford Coppola.

Ruy Guerra é moçambicano e brasileiro. Diz que não sabe se Luis Inacio Lula da Silva tem condições de ganhar as eleições presidenciais no Brasil, mas vai votar nele. Acha que o futuro presidente precisa de credibilidade para resolver o problema da dívida externa e fazer crescer o país. Ele recebeu a Folha para uma entrevista exclusiva no bar do Hotel Martinez, em Cannes. Não aparentava o ar cansado do dia anterior, quando encontrou jornalistas brasileiros e portugueses na "villa" que a produção do filme alugou em Mugins, a 15 minutos de Cannes. Ele conserva os cabelos compridos e grisalhos e fuma um charuto cubano que acende com um isqueiro fino e comprido. A seguir os trechos principais da conversa.

Folha — "Kuarup" vai sair premiado em Cannes?

Ruy Guerra — Não posso fazer nenhuma especulação nesse sentido. Não sei como é que funciona a cabeça desses jurados. É evidente que quando se está concorrendo existe sempre uma possibilidade. A gente tem que estar preparado para as duas coisas.

Folha — Você fez algumas críticas à crítica cinematográfica brasileira. Por que você acha que não existe crítica brasileira hoje?

Guerra — Talvez a velocidade do jornalista não permita um aprofundamento. Eu acho que a crítica teria que ter um lado mais reflexivo em relação ao trabalho do cineasta. Não se pode escrever de uma forma que se torne leviana pelo lado impressionista em que é abordado. É evidente que uma crítica não faz nem desfaz a qualidade do filme. Nem sei mesmo se tem poder tão grande em relação ao filme. Acho que tem relação com um certo público mas não sei se com o público como um todo. Mas me parece que a crítica, de uma certa forma, faz a história do filme. Ela é uma coisa que fica escrita, que passa a fazer parte da vida do filme. Quando a gente vê as dificuldades de se fazer cinema em geral, e no Brasil em particular, acho que os críticos — não que deveriam ser condescendentes nem abrir mão de sua opinião —, mas eles têm que saber a importância que têm com o processo cinematográfico como um todo. Há uma responsabilidade com o processo cultural do país. Os críticos não estão isentos dela. Sem condescendência, sem paternalismo. Que use a linguagem mais severa. Eu não vejo um amor real pelo cinema da parte dos críticos em geral. Há exceções. E também há um desencanto no país. Um desencanto que faz com que, a priori, tudo o que é nacional seja relegado a um segundo plano. Uma espécie de complexo de inferioridade com o produto nacional. De uma forma exageradamente oposta, a crítica francesa, por exemplo, defende os filmes franceses em competição além do necessário. Não se pode fazer dessa forma depreciativa...

Folha — Você sentiu isto em relação ao seu filme?

Guerra — Ah, senti, senti. Quando de repente um crítico diz — e nem sei o nome dele, não conheço — que eu sou um diretor que já estraguei vários temas... Quer dizer, ou é um crítico que não tem capacidade, não sabe usar o vocabulário e então não tem condição de ser crítico ou então há uma vontade de fato de chegar ao limite do insulto. Há coisas nesse nível. Quando outro coloca a "arrogância" do projeto. Qual arrogân-



O cineasta Ruy Guerra, diretor do filme "Kuarup", que será exibido em Cannes

cia? O orçamento de 5 milhões de dólares? Se ele estiver bem informado vai ver que no mercado mundial a nossa arrogância é absolutamente no nível da mendicância. Acho que a crítica não está capacitada.

Folha — Há quem o acuse de oportunista por se aproveitar do problema ecológico.

Guerra — Cada um pode ter a leitura que quiser sobre este aspecto. Acho que, primeiro, "Kuarup" é um filme que precede muito este atual modismo. Há muito tempo que eu quero fazer este filme e não é uma coisa que eu tenha feito em função disso. Segundo, eu acho que o problema ecológico é sério. Não vejo nenhum desdouro em participar de lutas ecológicas.

Folha — "Kuarup" é um filme ecológico?

Guerra — Não, é um filme político, de amor e de aventura que trata especificamente de uma trajetória humana de um personagem que desemboca no lado político, analisa uma parte da vida política do país. O fato de partir de Adão e Eva e da mítica da república dos guaranis — que tem na sua essência o lado da natureza — então parece existir o lado ecológico. Colocarem a etiqueta do ecológico. É muito bom que vejam no filme essa bandeira que tem que ser a bandeira de qualquer ser vivente.

Folha — Qual a saída política do país agora?

Guerra — Acho que é a credibilidade do presidente da República que vai ser eleito. Ele precisa ter o apoio popular para tomar uma postura clara e definida na negociação da dívida externa para poder construir o país.

Folha — Você vota no Brasil? Vai votar em quem?

Guerra — Estou pedindo a equiparação dos meus direitos civis e políticos. Eu voto no Lula. Não sei se tem chances de ganhar mas acho que é único político sem compromissos e único que tem quadros partidários. Acho o Covas interessante.

Folha — Como você explica a reação dos índios (como o Aritana) contra os produtores do filme, pedindo que se cumpra a promessa de construir postos de saúde etc.?

Guerra — Eu não saberia muito bem explicar. Os índios são extremamente e continuamente explorados. Eles têm um comportamento de extrema suspeita com tudo. Não sei se estão manipulando neste sentido ou se esta é uma leitura deles.

Folha — Você é um cineasta que teve sorte. Conseguiu um produtor que não é o Estado, que não é a Embrafilme. Qual a sua relação com a Embrafilme?

Guerra — Durante o regime autoritário eu nunca tive acesso à Embrafilme o que me pareceu um processo até lógico. Hoje a Embra-

filme está completamente descapitalizada e é um órgão que não tem uma ação real. Tem uma ação esporádica. De tempos em tempos ela consegue as benesses do capital e distribui como pode entre os cineastas. Ela não preenche uma função real.

Folha — Você disse que o Festival de Cannes está privilegiando o cinemados grandes centros. Isto não é o reflexo da crise por que passa não só o Brasil mas a Argentina, o México...

Guerra — Evidentemente deve ter esse lado. Mas eu me recuso a acreditar que a seleção dos filmes dos grandes centros (EUA, Itália e França) seja melhor do que muitos desses países, por exemplo. Eu não vi nenhum desses filmes, mas pelos referenciais críticos, filmes como o de Liliana Cavani ("Francesco") ou franceses com o "Chimere" (de Claire Devers).

Folha — Dois lixos.

Guerra — Estou citando dois exemplos que por acaso você viu e está confirmando. Há filmes muito interessantes. Recuso-me a acreditar que não haja nenhum filme argentino que não mereça estar presente.

Folha — Quem são os cineastas do "Terceiro Mundo" que você respeita?

Guerra — Por exemplo, eu não vi o "Barroco" do Paul Leduc (espanhol). Ele não está em competição. Acho que se o próprio festival não retificar esta postura a médio prazo vai criar um processo de atrofia.

Folha — Mas você sai de casa para ver quem no cinema?

Guerra — Saio de casa para ir ver Kubrick, Coppola, Kurosawa. Do cinema francês, hoje, eu não saio para ver nenhum. Posso estar sendo injusto, mas já faz alguns anos que não saio para ver. Saio para ver os irmãos Taviani (italianos), para ver o Francesco Rossi.

Folha — Você conhece o trabalho de Spike Lee, cineasta negro americano que causou furor em Cannes com "Do the Right Thing"?

Guerra — Eu vi o primeiro filme dele ("She's Gotta Have It") e achei muito interessante, com bom humor, narrativa ágil, um cineasta de talento. Ele tem uma postura política muito correta e tem muito valor.

Folha — Dos novos, você conhece alguém dos que estão em Cannes?

Guerra — Só conheço o Jim Jarmusch que faz um cinema muito pessoal, interessante, que eu aprecio mas que para mim não é estimulante. É uma postura um pouco intelectual, um pouco nova-iorquina demais para mim.

Folha — E o Win Wenders?

Guerra — Do Wenders eu tenho opinião contraditória. O grande sucesso dele, "Paris, Texas", eu não gosto nada. Em contrapartida, eu gosto muito de "O Amigo Americano".